

UM ADVERSÁRIO DIFÍCIL DE DERROTAR

O racismo foi – e ainda é – o maior obstáculo ao desenvolvimento do futebol na África do Sul

André Fontenelle

Quando se sabe que no início deste ano o técnico Carlos Alberto Parreira teve de trazer a seleção da África do Sul ao Brasil para um estágio de aprendizagem, é curioso pensar que um dia os times brasileiros já foram surrados pelos sul-africanos. Foi assim em 1906, quando um combinado de lá atravessou o Atlântico para golear por 4 a 0 uma espécie de precursor da Seleção Brasileira.

É que o futebol começou a ser praticado na África do Sul muito antes de Charles Miller desembarcar

O FUTEBOL É MAIS ANTIGO NA ÁFRICA DO SUL QUE NO BRASIL: O PRIMEIRO JOGO REGISTRADO DATA DE 1862

aqui com duas bolas, em 1894. O primeiro jogo de que se tem registro na África do Sul data de 1862, em Port Elizabeth, por coincidência uma das nove sedes da Copa deste ano. Enfrentaram-se dois combinados de brancos, um de nascidos na colônia (Colonial Born) e outro de nascidos na metrópole (Home Born). Note-se que só no ano seguinte as regras do “football association” seriam unificadas na Inglaterra

– ou seja, pode-se dizer que já se jogava futebol na África do Sul antes mesmo de o futebol existir. Era um futebol muito diferente do de hoje – nas fotos posadas, registro histórico raríssimo, vê-se que cada time tinha 18 jogadores – mas a essência do jogo já era a mesma.

Em muitas coisas o futebol sul-africano precedeu o brasileiro. Em 1892, foi fundada a primeira federação sul-africana de futebol. Em 1897, um forte time da Inglaterra excursionou à região – curiosamente, tratava-se dos Corinthians, a mesma equipe cuja excursão ao Brasil, 13 anos mais tarde, motivaria a fundação do homônimo clube paulista. A Guerra dos Bôeres, entre 1899 e 1902 – o conflito que é uma espécie de “evento fundador” da atual África do Sul –, contribuiu indiretamente para a popularização do futebol: os soldados britânicos jogavam bola nas horas vagas, diante de entusiasmadas plateias de negros e de imigrantes indianos. Em 1899, um time de negros viajou para o Reino Unido para disputar uma série de partidas. “Foram tratados como atração circense e humilhados em campo”, afirma Lloyd Hill, professor da Universidade de Johannesburgo e pesquisador do tema. Compare-se com o Brasil, onde os jogadores negros apareceram por volta de 1906, mas só foram aceitos plenamente na década de 1920.

Estaria armado aí o cenário para a África do Sul se tornar uma potência do futebol do século XX, não fossem dois fatores que impediram seu desenvolvimento: a concorrência do rúgbi e o racismo. O primeiro é explicado, em parte, pelo segundo. O rúgbi e o futebol são duas variantes do mesmo conjunto original de regras. Nas escolas inglesas do século XIX, os dois esportes eram rivais. Em algumas triunfou o jogo com as mãos; em outras, aquele jogado com os pés. Na Inglaterra, o rúgbi se tornou um esporte de elite; o futebol, o favorito das classes populares. Na África do Sul racista, o rúgbi virou o esporte dos brancos; o futebol, o dos negros. Aos poucos as esco-

las sul-africanas para brancos baniram o futebol de suas atividades físicas para se dedicar exclusivamente ao rúgbi; o sucesso de equipes sul-africanas (exclusivamente brancas) em partidas contra os colonizadores ingleses fomentou a associação entre rúgbi e nacionalismo africânder.

Enquanto isso, desde a primeira década do século XX o futebol espalhou-se rapidamente na população negra, de início entre os kholwas (negros cristãos) da região de Durban – por iniciativa de missionários americanos que acreditavam no papel “civilizatório” do esporte – e depois entre os mineiros de Johannesburgo, cidade que cresceu graças à corrida do ouro. ►

Sem poder político na União Sul-Africana (formada em 1910), os negros desenvolveram seu futebol afastados dos brancos. Durante décadas o país teve federações separadas para brancos, negros e mestiços. Quando a Fifa aceitou a filiação da África do Sul, em 1958, foi a “federação branca” que ela reconheceu. O país já vivia, desde 1948, sob o regime do apartheid.

EM 1959, POR POUCO UM TIME BRASILEIRO NÃO ACEITOU JOGAR APENAS COM BRANCOS NUMA EXCURSÃO AO CABO

Foi somente a pressão dos demais países africanos que levou a Fifa, com alguma relutância, a suspender a África do Sul em 1961, por recusar-se a aceitar a formação de equipes inter-raciais.

Por causa da segregação, poucos times de futebol estrangeiros punham os pés na África do Sul. Em 1959, a Portuguesa Santista fez uma escala na Cidade

do Cabo, durante uma excursão ao exterior. Seus dirigentes acertaram um amistoso contra uma equipe local, formada exclusivamente por brancos. Uma das exigências do contrato era que o time brasileiro alinhasse apenas seus jogadores de pele clara – o que teria ocorrido, não fosse a intervenção de um grupo de militantes negros que apelou à diplomacia brasileira. Um telegrama do presidente Juscelino Kubitschek cancelou o amistoso e evitou que o futebol brasileiro caucionasse, tacitamente, o apartheid.

O vexame seria ainda maior considerando-se que, um ano antes, o Brasil fora campeão mundial com uma equipe inter-racial. A pluralidade étnica dos times do Brasil, em contraste tão evidente com a segregação absoluta na África do Sul, contribuiu para a imensa popularidade da Seleção Brasileira na África. “Saber que negros, mestiços e brancos podiam jogar juntos e vencer era um tapa na cara da ideologia do apartheid”, diz o sul-africano Peter Alegi, professor da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, e autor de um livro sobre a história do futebol em seu país.

Mesmo afastados do intercâmbio internacional, os

times negros da África do Sul se inspiravam em nosso futebol. No pequeno museu do futebol do estádio de Green Point, na Cidade do Cabo, uma foto chama a atenção: é o Bafana Football Club, campeão provincial em 1964. Vários jogadores têm apelidos que remetem à Seleção Brasileira então bicampeã mundial: Pepe (reserva daquele time), Vavá, Zito, Dejalma (*sic*) e até Feola (o treinador em 1958) e Zezé (o técnico de 1954). Não é o único indício da influência inspiradora do Brasil no futebol sul-africano: um dos principais times sul-africanos, o Mamelodi Sundowns, criado na década de 60 em Marabastad, um bairro racialmente misto de Pretória, adotou a camisa amarela e o calção azul em homenagem à Seleção Brasileira. Por isso e pelo estilo de jogo vistoso, os Sundowns são conhecidos na África do Sul como Os Brasileiros.

Só em 1992, quando o apartheid já agonizava, a África do Sul foi readmitida no seio da Fifa. O futebol cresceu rapidamente, a África do Sul se classificou para duas Copas do Mundo (1998 e 2002), formou uma liga profissional multirracial e chegou a estar entre as 20 primeiras colocadas do ranking da Fifa. De lá para cá, porém, o futebol sul-africano regrediu. Isso parece ser, em parte, reflexo de problemas mais profundos que os futebolísticos. A euforia dos primeiros anos pós-apartheid, quando Nelson Mandela foi eleito presidente, e brancos e negros pareciam

integrar-se rapidamente, deu lugar ao desencanto dos dois lados. O pacto que mantém a África do Sul unida pode ser resumido assim, grosso modo: a elite branca abriu mão do poder político em troca de uma relativa manutenção do *statu quo*. Hoje, porém, a maioria negra se impacienta com a lentidão na redução das desigualdades; e a minoria branca se esconde atrás de muros altos e arame farpado, vista como estrangeira na terra onde nasceu (na África do Sul, o termo africano é usado em geral para designar os negros, embora os brancos nascidos ali sejam igualmente africanos). No futebol, essa crise de identidade se exprime de forma não declarada. A polêmica em torno das vuvuzelas é um exemplo. As barulhentas cornetas são onipresentes nas partidas de futebol – e inexistentes nas de rúgbi. Quando a Fifa cogitou proibi-las na Copa, essa hipótese foi vista como uma ofensa à população negra.

Em meio a previsões negativas, porém, a Copa do Mundo pode ter um papel unificador na África do Sul. Isso depende em boa parte de bons resultados da seleção local dentro de campo. “Uma Copa memorável vai gerar algum sentimento de patriotismo e desmentir estereótipos negativos sobre os africanos”, diz Peter Alegi. “Mas qualquer nova identidade sul-africana será efêmera se não for acompanhada de mudanças estruturais mais profundas.” ◆